

## Breve Perfil de Zacarias

### A Brief Profile of Zacarias

#### Tulio Vargas\*

\* Escritor, Presidente da Academia Paranaense de Letras.

#### Resumo

Neste artigo, o autor busca a memória do Paraná no sentido de obter a compreensão da gênese do processo civilizatório deste Estado. Importa-lhe não apenas redescobrir, mas exaltar os precursores que se engajaram nos movimentos pela conquista da autonomia e a consolidaram. Entre estas grandes figuras encontra-se Zacarias de Góis e Vasconcelos, cuja trajetória política é neste texto apresentada.

**Palavras-chave:** Paraná; memória; precursores; identidade; ideal.

#### Abstract

*In this article, the author looks for the memory of the state of Paraná, aiming to obtain a comprehension of the genesis of the civilizational process of that state. It is important to him not only to redescover, but also to exalt the pioneers who engaged themselves in movements to conquer autonomy which they consolidated. Among these great men we find Zacarias de Góis e Vasconcelos, whose political trajectory is presented in this text.*

**Key words:** Paraná; memory; pioneers; identity; ideal.

O culto aos valores históricos tem sido, através dos anos, permanente referencial de ufania da nossa ancestralidade ao recorrermos à memória do Paraná.

Só poderemos compreender a gênese do nosso processo civilizatório à medida que rebuscarmos nas raízes do passado a seiva da paranaensidade. Nessa matriz é que encontramos os traços primeiros da nossa identidade coletiva.

Importa-nos não apenas redescobrir, mas exaltar aqueles precursores que, empolgados por um ideal comum, se engajaram desde a primeira hora nos movimentos pela conquista da autonomia e a consolidaram, sobretudo.

Zacarias de Góis e Vasconcelos foi um deles. Baiano de Valença, coube-lhe instalar a Província e dar-lhe as linhas mestras da organização administrativa, social e política.

Trouxe vasta experiência da vida pública, pois jovem ainda, recém-formado em direito pela Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de Olinda (PE), iniciou-se na carreira política como deputado provincial.

A partir daí, ganhou renome pela cultura humanística e a oratória primorosa. Não tardou para ser convidado a presidir a Província do Piauí e depois a de Sergipe. Em ambas foi posta à prova a sua diplomacia na conjuração de crises políticas. Revelando-se administrador competente e conciliador, aumentou-se-lhe o prestígio pessoal.

Elegeu-se, em seguida, deputado geral e passou a impressionar o parlamento pelo brilho da inteligência e a volumosa bagagem cultural. A Câmara se enriqueceu do seu talento e da sua liderança carismática.

Em 1852, durante o gabinete do Visconde de S.Lourenço, foi convocado ao Ministério da Marinha. No ano seguinte, criada a Província do Paraná, entendeu o Gabinete da Conciliação, presidido por Hermeto Carneiro Leão, Marquês do Paraná, de nomeá-lo presidente da novel unidade, quando todas as previsões convergiam para o nome de Cruz Machado, deputado por Minas Gerais.

Veio instalá-la em 19 de dezembro de 1853, não sem antes contrair núpcias com a jovem Carolina, filha de Domingos de Mattos Vieira e Joana Carolina Leite de Castro Vieira, ele da Legação do Brasil em Paris. Ela vinte e cinco mais nova do que Zacarias, o que despertou curiosidade e maledicência.

Visão de estadista, plantou os alicerces de uma administração voltada aos interesses da população. Pacificou a política dos partidos Conservador e Liberal, de modo a governar acima das paixões e das rivalidades existentes.

Assegurou a Curitiba a condição de capital da Província em acirrada disputa na Assembléia Provincial.

Criou as comarcas de Curitiba, Paranaguá e Castro, a Força Policial, o Arquivo Público, a Imprensa, vinte distritos sanitários, duas secretarias de governo, a diretoria dos índios, as cadeiras de latim, francês e inglês no Liceu Paranaense, estabeleceu a obrigatoriedade do ensino fundamental e determinou a abertura da estrada da Graciosa, entre outras realizações.

Ao deixar o governo, em abril de 1855, para assumir, mais uma vez, a cadeira de deputado geral, pela Bahia, recebeu consagradas manifestações de estima e reconhecimento do povo paranaense.

Professor catedrático da Faculdade de Direito de Recife, por concurso, militou por muitos anos no magistério superior, cujas aulas de elevada erudição eram verdadeiros tratados de latim, grego, retórica, moral ou filosofia, tal a multiplicidade de seus predicamentos.

Eleito numa lista triplíce para o Senado, viu-se nomeado pelo Imperador, conforme as regras constitucionais de então, alcançando posição de maior relevo no cenário político do país. Admirado e temido ao mesmo tempo, dado o seu temperamento arrebatado, inimigo da mediocridade e da corrupção, poucos se atreviam a enfrentá-lo nos debates.

Em 1862 ascendeu ao cargo de presidente do Conselho de Ministros, gabinete de curta duração, três dias apenas. Quatro anos mais tarde, ei-lo novamente formando o gabinete.

Desta vez, um incidente com Caxias, em plena guerra do Paraguai, inviabilizou-lhe a continuidade no governo. Viu-se obrigado a renunciar.

O Imperador violou as normas do jogo político ao substituí-lo, o que lhe causou profunda mágoa e rompimento com a Coroa. Desse modo, tornou-se signatário do Manifesto Liberal, de caráter oposicionista, que preconizava a queda da Monarquia, em 1869.

Exacerbou Zacarias sua aversão ao regime, reacendendo a discussão sobre a tese de sua autoria sobre os “Limites do Poder Moderador.”

Quando irrompeu a crise com os bispos de Olinda e do Pará, a célebre questão religiosa, ele viu outra oportunidade de verberar seu protesto contra o governo, agora como advogado dos ilustres prelados católicos.

Condenado ao ostracismo político, ocupou-se de atividades menos desgastantes, como a Provedoria da Santa Casa do Rio de Janeiro e da sua banca de advocacia.

Uma linfite perniciososa passou a incomodá-lo e a fragilizar-lhe a resistência dos tempos de apogeu parlamentar. Ser-lhe-ia fatal em breve.

Os publicistas do seu tempo, na maioria anticlericais, distorceram-lhe a imagem e tentaram ensombrar-lhe o brilho existencial. Não lhe perdoavam a ortodoxia ultramontana, nem a independência de sua postura pessoal.

Mas é inegável que os substratos do espírito sobrevivem aos agravos e se impõem ao juízo da posteridade.

Sua vida foi permanente gesto de coragem, rebeldia e edificação. Ao mesmo tempo culto e talentoso, álgido e amável, sensível e desassombrado, fecundou a coerência do comportamento na busca incessante do seu modelo ideológico.

Não cortejou o poder. Alçado às culminâncias, desdenhou a glória dos brasões. Em desgraça política, ignorou as tentações das galas palacianas. Inteligência superior, seus atos audaciosos e, às vezes, agressivos continham sinceridade e nobreza. Provocavam devoções ardorosas dos seus admiradores e ressentimentos amargos dos adversários.

Foi homem autêntico, dessas vocações que tanto podem explodir em reações inusitadas, quanto amenizar as crises com a serenidade dos lagos mansos.

Uma individualidade assim, original e fascinante, deveria ser mais conhecida das novas gerações. Bem poucos foram os que, chegados ao pináculo, ele tratava intelectualmente como seus iguais. Entre esses raros figuravam Nabuco de Araújo, Ferraz e Saraiva.

A queda do Gabinete liberal, em 1868 por ele presidido, constituiu o crepúsculo do sentimento monárquico. O próprio senador Nabuco de Araújo apontou aos seus correligionários o grande erro que estavam cometendo.

Doravante restariam como forças apenas duas correntes, os conservadores e os republicanos. Estes iriam absorver os liberais, que já estavam a meio caminho entre a Monarquia e a República. Defendiam os mesmos princípios, agora mais avançados ao pregarem a abolição do Império. O Manifesto Liberal, subscrito por Zacarias, Teófilo Otoni, Nabuco de Araújo, Francisco Otaviano, Furtado e Souza Franco, entre outros, preconizava o plano inclinado que acelerou o declínio da autoridade monárquica. Ele que se notabilizara pelo estudo sobre os “Limites do Poder Moderador” reacendia a chama da sua inconformidade com o grito de reforma ou revolução.

Manteve-se indiferente aos apelos do Imperador, que arrependido chamou-o a participar do Conselho de Estado. A sua influência era profundamente corrosiva dos alicerces do governo. Era tarde reconquistá-lo, contudo.

O mês de dezembro fora aziago para o Brasil. Falecera José de Alencar no dia 12 e a parca rondava o morro de Santa Teresa, a casa de Zacarias.

Aumentando-lhe as dores, minava-lhe o organismo a doença pertinaz. O atleta da palavra que enfrentara sozinho as legiões do Parlamento, mostrava-se agora vencido e impotente diante do anjo da morte. Apagava-se a luz daquele cérebro portentoso.

Assistido pela família e amigos, expirou quase às 10,00 horas da noite de 28 de dezembro de 1877, confortado com os sacramentos da igreja que lhe proporcionou o frei Fidélis. Havia completado sessenta e dois anos de idade, no dia 5 do mês anterior.

Seus despojos foram inumados no cemitério de São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro. Um cronista da época, em lágrimas, desabafou:

Não foi um combatente que capitulou. Ele valia muito mais. Foi todo um valente e aguerrido exército que se afundou, repentinamente, na eternidade.

Ou muito me engano, ou em seu leito de morte foi-lhe lícito repetir as palavras de Richelieu ao seu confessor, ao pedir-lhe que perdoasse aos seus inimigos: não tive outros inimigos, senão os de minha pátria.

## Referência

VARGAS, Tulio. *O Conselheiro Zacarias*. Curitiba: Edição Grafipar, 1977.